

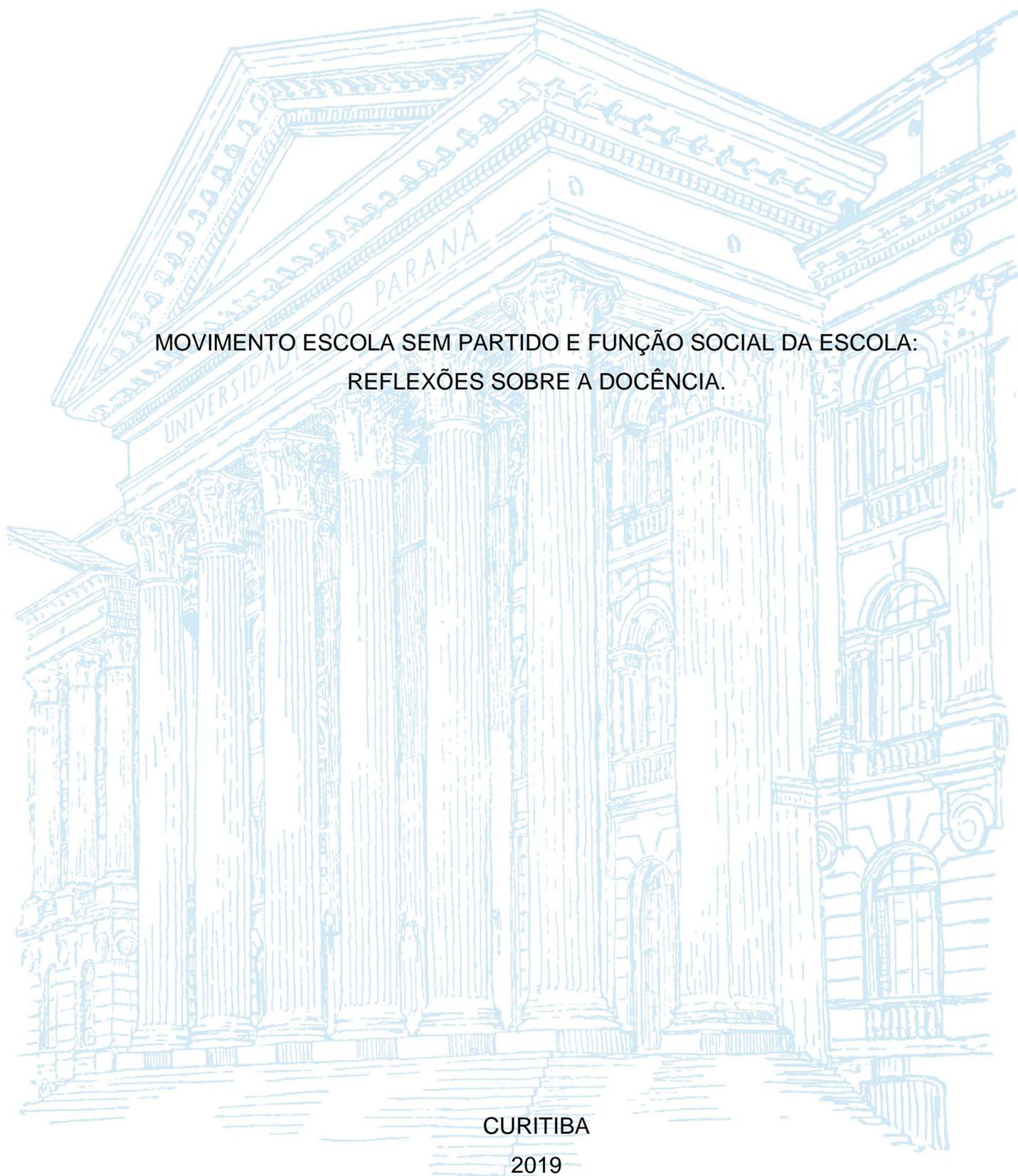
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOYCE MARTINS FERREIRA CAMPOS

MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO E FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA:  
REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA.

CURITIBA

2019



JOYCE MARTINS FERREIRA CAMPOS

MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO E FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA:  
REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado, no Curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Prof. (a). Dr. (a). Renata Peres Barbosa

CURITIBA

2019

## TERMO DE APROVAÇÃO

JOYCE MARTINS FERREIRA CAMPOS

MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO E FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA:  
REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado, no Curso de Pedagogia, Setor Educação, Universidade Federal do Paraná.

---

Prof(a). Dr(a). Renata Peres Barbosa

Orientadora – Departamento de Planejamento e Administração Escolar,  
UFPR

---

Prof(a). Dr(a). Mônica Ribeiro da Silva

Departamento de Planejamento e Administração Escolar, UFPR

---

Prof(a). Dr(a). Marcia Baiesdorf

Departamento de Planejamento e Administração Escolar, UFPR

Curitiba, 9 de Novembro de 2019.

Aos meus pais, pois sem eles nada disso seria possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais Claudiney Campos e Cleonice M. F. Campos, que me deram apoio, estabilidade e incentivo para que esse sonho se tornasse realidade. E a minha irmã Juliana, que depois dos 30 anos decidiu entrar no curso de Pedagogia e provou que não existe idade para se aprender.

Agradeço a minha professora orientadora Renata Peres Barbosa, por toda a orientação e paciência, pelos chocolates e pães de queijo, pelas palavras de carinho e tranquilidade. Aposto que não foi fácil, mas mesmo assim, você estava sempre disposta a esclarecer todas às dúvidas de forma atenciosa.

Agradeço ao grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade e a professora Carolina dos Anjos, pelo acolhimento e por tudo que aprendi com vocês, mas principalmente por me ajudarem a (re) conhecer a Joyce de hoje, que é formada por sua história e por suas lutas.

Agradeço a professora Andrea Bezerra Cordeiro, pela delicadeza ao ensinar e por me lembrar do tipo de professora/pedagoga que desejo ser, não é possível por em palavras tudo o que aprendi com você e que pretendo levar para o resto da minha vida pessoal e profissional.

Agradeço as minhas amigas Agatha Francine e Joana Asalin, por todas as risadas, os trabalhos realizados juntos, as reclamações, os estágios e almoços no ônibus que vivenciamos juntas. Todos os anos de graduação seriam infinitamente mais difíceis sem vocês.

Por último, agradeço a toda a Turma A e a todos os professores que passaram por lá e contribuíram a seu modo para a minha formação.

“Os que questionam são sempre os mais perigosos. Responder não é perigoso. Uma única pergunta pode ser bem mais explosiva do que mil respostas”.

Jostein Gaarder- O mundo de Sofia

## RESUMO

No contexto atual brasileiro, a educação escolar está sendo alvo constante de questionamentos sobre sua importância. É inquestionável a urgência de se refletir acerca da questão, e compreender quais as vozes, as problematizações, bem como as propostas em destaque. O Movimento Escola sem Partido vem conquistando visibilidade na agenda educacional, e sua popularidade crescendo, com apoio de grande parcela da população. O movimento conta com diversos materiais produzidos e disponibilizados nas redes sociais e plataformas online, e com projetos de lei propostos e discutidos em audiências públicas em todo o país, apresentados no Congresso Nacional, Assembleia Legislativa, Câmaras Municipais. Idealizado pelo advogado Miguel Nagib, o Movimento defende uma atividade educativa técnica e neutra, onde a atuação do professor deve ser isenta de qualquer viés ideológico. A presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre os pressupostos presentes nas proposições do Movimento Escola Sem Partido, buscando depreender a concepção de educação empregada, e refletir sobre as possíveis implicações dentro do espaço escolar e na formação dos estudantes. Utilizamos como fonte os materiais dispostos no site do Movimento, em especial, no que se refere ao papel do professor. Como opção metodológica, optou-se por uma pesquisa documental e bibliográfica, tendo como referencial de análise a Teoria Crítica da Sociedade, principalmente as obras do filósofo Theodor W. Adorno, referencial pertinente à análise proposta por apresentar sustentação consistente sobre a concepção de educação. Verificamos que o referencial teórico metodológico da Teoria Crítica da Sociedade se apresenta como adequado potencial de análise das reflexões levantadas, no confronto com as concepções defendidas pelo Movimento Escola Sem Partido, o que permite promover uma reflexão sobre a função social da educação e o sentido de formação, em especial, sobre o papel do professor nos tempos atuais.

Palavra-chave: Educação. Teoria Crítica. Escola Sem Partido. Formação. Semiformação. Professor.

## **ABSTRACT**

In the current Brazilian context, school education is constantly being questioned about its importance. The urgency to reflect on the issue is unquestionable, and to understand the voices, the problematizations, as well as the highlighted proposals. The School Without Party Movement has been gaining visibility in the educational agenda, and its popularity is growing, with the support of a large portion of the population. The movement has various materials produced and made available on social networks and online platforms, and bills proposed and discussed in public hearings throughout the country, presented at the National Congress, Legislative Assembly, Municipalities. Conceived by lawyer Miguel Nagib, the Movement advocates a technical and neutral educational activity, where the teacher's performance should be free from any ideological bias. This research aims to reflect on the assumptions present in the propositions of the School Without Party Movement, seeking to understand the conception of education employed, and to reflect on the possible implications within the school space and the formation of students. We use as source the materials available on the Movement's website, especially regarding the teacher's role. As a methodological option, we opted for a documentary and bibliographical research, having as a referential of analysis the Critical Theory of Society, especially the works of the philosopher Theodor W. Adorno, a pertinent reference to the analysis proposed by presenting consistent support on the conception of education. We verified that the methodological theoretical framework of the Critical Theory of Society presents itself as an adequate potential for the analysis of the raised reflections, in the confrontation with the conceptions defended by the School Without Party Movement, which allows to promote a reflection on the social function of education and the sense of training, in particular, on the role of the teacher in the present times.

Keyword: Education. Would have criticism. School Without Party. Formation. Semiformation. Teacher.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- REFERENTE À PESQUISA REALIZADA PELO INSTITUTO SENSUS.	32
FIGURA 2-“NÃO DEIXE QUE SEU PROFESSOR FAÇA ISSO COM VOCÊ” .....	33
FIGURA 3- DOCTRINAÇÃO. ....	34
FIGURA 4- LIVRO “MAMÃE, COMO EU NASCI?”. ....	35
FIGURA 5- CARTAZ DEVERES DO PROFESSOR. ....	36

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE .....</b>	<b>15</b>
2.1 THEODOR ADORNO E A ESCOLA DE FRANKFURT .....	15
2.2 EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE .....	17
2.3 EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO .....	21
<b>3 ANÁLISE DO SITE MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO.....</b>	<b>25</b>
3.1 ORGANIZAÇÃO E CONTEÚDO DA PÁGINA.....	26
3.2 SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.....	33
3.3 CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO.....	36
<b>4 ANÁLISE DO MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE. ....</b>	<b>39</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No início de novembro de 2019, a direção de um colégio estadual da cidade de Londrina foi perseguida após a denúncia nas redes sociais de uma mãe que acusou a escola de “doutrinação” e repudiou o conteúdo de diversidade abordado em uma apresentação artística sobre as ocupações das escolas que aconteceram no ano de 2016.

A partir daí, grupos contrários à temáticas da diversidade passaram a se manifestar e pressionar diretamente componentes da direção da escola. O deputado estadual Felipe Barros (PSL-PR) manifestou-se nas redes sociais e prometeu fazer quatro denúncias contra o colégio, voltadas ao Ministério da Educação, Ministério da Família, Núcleo Regional e Ministério Público local (CARRANO, 2019).

No mesmo mês, a atual Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves anuncia que vai criar um canal para denúncia de professores que atende “contra a moral, a religião e a família” (ALGUSTO, 2019).

No início do ano letivo estudantes de uma escola pública, em Porto Velho, denunciam irregularidades dentro da escola como goteiras, a falta de luz, a falta de merenda e ainda relataram desmaios de estudantes devido ao calor excessivo em sala de aula (ESTUDANTES..., 2019).

As notícias tratam de duas ocorrências recentes em escolas públicas: uma, acusada de doutrinação devido a uma apresentação teatral; a outra, sobre a falta de recursos e condições de infraestrutura precárias – realidade de muitas escolas pelo país. O que chama atenção, é que somente uma delas teve repercussão, ou melhor, causou indignação entre um deputado estadual e uma Ministra.

Incentivando as acusações, denúncias e ataques contra professores supostamente identificados como doutrinadores e com o objetivo de defesa a família, a moral e a religião, posicionando-se contra a diversidade e a liberdade de ensinar, o Movimento escola sem Partido apresenta-se como protagonista ao pensar tais questões no contexto educacional Brasileiro.

Ao pensarmos educação em tempos atuais, as pautas levantadas pelo Movimento ESP têm ganhado notoriedade nos debates educacionais, despertando a atenção de pais, alunos e educadores, e sua popularidade vem crescendo nos

meios digitais. O movimento define-se como uma iniciativa conjunta de estudantes e pais que estão preocupados com o ensino dos níveis básico ao superior. O conteúdo em seu site é formado principalmente por notícias de jornais online, pequenos textos/artigos, e denúncias – relatos e vídeos- enviados por apoiadores do movimento.

O Movimento, que vem conquistando divergentes opiniões, foi iniciado pelo advogado Miguel Nagib, em 2014, e apresenta como proposta uma suposta atividade educativa técnica e neutra, onde o trabalho do professor deve ser nulo de qualquer “viés ideológico”. O ESP já conta com diversos projetos de lei, debatidos em audiências públicas no Congresso Nacional, nas Assembleias Legislativas e nas Câmaras Municipais.

Por esse motivo, o presente trabalho tem como objetivo traçar a concepção de formação e educação do Movimento ESP, a partir do material apresentados em sua página online, trazendo como contraponto a perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade, que apresenta a educação enquanto ato político. Nesse sentido, problematizamos este tema partindo de algumas indagações iniciais como: O que é o Movimento ESP? O que propõe para a educação atual? Qual a concepção de formação presentes nas suas preposições? Qual a concepção de trabalho docente? Quais as implicações desse discurso nas escolas? No que se fundamenta o Movimento ESP?

Com a intenção de investigar acerca de tais problemáticas, recorreremos à Teoria Crítica da Sociedade. Para isso buscamos desenvolver a concepção de formação e educação apresentadas principalmente nas obras de Theodoro W. Adorno, também mantendo questões iniciais norteadoras como: Qual a concepção de educação e formação para Adorno e qual a sua importância para a sociedade? Qual o papel do professor, aluno e família dentro desse processo? Segundo a Teoria Crítica da Sociedade é possível (ou viável) a concepção de um ensino “neutro”

Deste modo, podemos confrontar os pressupostos do movimento com pressupostos de viés crítico, buscando promover uma reflexão sobre a função social da educação nos dias atuais e o sentido de formação. Como opção metodológica, realizamos uma pesquisa documental e bibliográfica, tendo como fundamentação teórica metodológica a Teoria Crítica da Sociedade, em especial as obras de Theodor W. Adorno.

A Escola De Frankfurt, criada em 1924, formado por um grupo de filósofos como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Herbert Marcuse, foi um movimento filosófico, político, social denominado como Teoria Crítica da Sociedade.

Em uma palestra na radio de Hessen, transmitido em 18 de Abril de 1965 e depois publicada com o título *Educação após Auschwitz*, Adorno declara que “a exigência de que Auschiwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO, 2012, p.119). É sem dúvida inegável a importância de se impedir a volta de qualquer tipo de barbárie, para isso é preciso nos permitir perceber as condições sociais objetivas e subjetivas que permitiram que tal regressão aconteça, compreendendo como pessoas detentoras de um conhecimento científico permitem e planejam esse acontecimento.

Parte-se da premissa de reconhecer que a educação tem sentido unicamente quando dirigida a uma autorreflexão, que os processos educacionais não se restringem ao momento da instrução, mas certamente os transcendem, percebendo a escola como um espaço que não é isento das relações sociais. Do mesmo modo, considera-se a sociedade enquanto detentora das mesmas condições sociais que permitiram o estado da barbárie.

A formação que por fim conduziria à autonomia dos homens precisa levar em conta as condições sociais a que se encontram subordinadas a produção e a reprodução da vida humana em sociedade e na relação com a natureza. O poder das relações sociais é decisivo, sofrendo os efeitos das pulsões instintivas: para os frankfurtianos, Marx e Freud desvendaram os determinantes da limitação do esclarecimento, da experiência do insucesso da humanização do mundo, da generalização da alienação e da dissolução da experiência formativa (MAAR, 1995, p. 19).

É necessária uma consciência geral em torno dos mecanismos que levaram pessoas a cometerem atrocidades como Auschwitz e que produzem uma consciência danificada. Dessa forma, a escola deve desenvolver uma educação contrária a violência e barbárie, que se manifesta pelo preconceito e pela intolerância. Buscando refletir acerca de tais problemáticas, este trabalho organiza-se da seguinte forma:

No primeiro capítulo, trazemos os pressupostos da Teoria Crítica da Sociedade, com o intuito de suscitar reflexões acerca da educação e formação em tempos de barbárie.

No segundo capítulo, apresentaremos a análise do site Movimento Escola Sem Partido. Para isso organizamos o site em oito seções contendo tópicos com temas em comum, desta forma facilitando a apresentação do site e a análise do seu conteúdo. Em seguida buscamos realizar uma reflexão sobre o conteúdo da página, o conceito de formação para o movimento e o papel do professor.

Por fim, realizamos uma discussão sobre os resultados da análise do site do Movimento ESP a partir da concepção do referencial teórico da Teoria Crítica da Sociedade, compreendendo por quais motivos as concepções de formação e educação, defendidas pelo movimento, apresenta-se contrárias a educação emancipatória como fundamentado por Adorno.

## 2 TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE

Este capítulo tem como objetivo localizar nas obras de Theodor Adorno, reflexões sobre educação e formação, que nos auxiliam na discussão de um contraponto ao Movimento Escola Sem Partido.

Em um primeiro momento, apresentamos um pouco sobre a história de vida de Adorno e de sua participação na Escola de Frankfurt. No segundo momento, iremos abordar sobre a máxima da educação para Adorno, ou seja, uma educação contra a barbárie. Para o filósofo, as relações sociais que levaram a barbárie e que resultou em Auschwitz, ainda são as mesmas. Desse modo através da educação é preciso elaborar o passado e criticar o presente prejudicado, evitando assim que a barbárie se repita.

Por último, vamos discorrer sobre o conceito de educação, que para Adorno deve levar a uma formação emancipatória e não a uma “modelagem de pessoas”. A educação deve levar a produção de uma consciência verdadeira, que para o sujeito significa diferenciar-se.

### 2.1 THEODOR ADORNO E A ESCOLA DE FRANKFURT

Theodor Wiesengrund Adorno nasceu no dia 11 de Setembro de 1903, em Frankfurt e morreu no dia 06 de Agosto de 1969. Foi um grande filósofo, sociólogo, musicólogo e crítico da cultura do século XX.

Seu pai era alemão e judeu assimilado<sup>1</sup>, trabalhou como atacadista de vinhos, e sua mãe de origem italiana trabalhou como cantora profissional. Com sua família morava sua tia materna, Ágathe, que era uma pianista muito talentosa, de modo que a música sempre fez parte da educação de Adorno. Aos 15 anos, já estudava filosofia junto com Siegfried Kracauer, um intelectual próximo à família, que o orientava na leitura da *Crítica da razão*, de Kant. Aos 18 anos iniciou no curso de Filosofia e aos 21 anos, defendeu sua tese de doutorado *A transcendência do objeto e do noemático na fenomenologia de Husserl*. (MATOS, 1993; ZUNIN; PUCCI; LASTORIA; 2015).

---

<sup>1</sup> Judeu que incorporou a cultura europeia (MATOS, 1993).

Diversos acontecimentos sociais e históricos marcaram a vida de Adorno e o mundo. Entre eles a Primeira Guerra Mundial, que arrasou diversos países e causou a morte de milhares de pessoas, em 1917 acontece a Revolução Russa, na Alemanha a abdicação do Imperador Guilherme II que ocasionou na proclamação de duas repúblicas antagônicas: a de Scheidemann e a Spartakista liderada por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.

Além disso, aconteciam também mudanças de costume e avanços tecnológicos: o avanço da psicanálise, as mulheres que eram *suffragetes*, o avanço automobilístico, eletrônico e aviação. Na educação o movimento “Escola Nova” continuava ganhando destaque. Na Alemanha estava acontecendo os anos que antecederam o nazismo, vivia-se um desajuste econômico e social, crises, desemprego e inflação. (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE- OLIVEIRA, 2012)

Adorno conheceu Max Horkheimer em 1922, e um ano depois conheceu Walter Benjamin, com ambos cultivou uma amizade e experiência científica. Em 1923 acontece a fundação do Instituto de Pesquisa Social, conhecida atualmente também como Escola de Frankfurt, foi um movimento filosófico, político, social denominado Teoria Crítica da Sociedade.

Em 1930 Horkheimer assume sua direção, tornando-o um centro ativo de pesquisa e de análise crítica do capitalismo monopolista, no qual Adorno faz parte juntamente com Walter Benjamin e Herbert Marcuse. Em 1933, Hitler toma posse como chanceler da Alemanha e imediatamente o instituto é considerado hostil pelo governo que ordena seu fechamento. No mesmo ano o Instituto se transfere para França, onde Pollock assume a direção junto a Horkheimer.

Em 1934, Adorno muda-se para a Inglaterra em exílio, onde trabalha na Universidade de Oxford até 1938, quando se muda para Nova York, desta forma desempenha suas funções com o Instituto e também no Music Study, integrado ao Radio Research Project.

Após a morte de Walter Benjamin, o Instituto de Pesquisa Social é transferido para a Califórnia. O exílio forçado de Adorno em uma sociedade diferente da sua traz:

[...] a estranheza e a lucidez do excluído, do diverso. A sociedade democrática de massas norte-americana surpreende-o em suas linhas básicas e dessa surpresa resultarão múltiplas e potentes reflexões e estudos de caráter sociológico e filosófico, que constituirão a matéria- prima

de sua vasta produção acadêmica (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 36).

Em 1950 o Instituto de Pesquisa Social volta para Frankfurt, e de volta à Alemanha, Adorno se ocupa da docência, pesquisa e reorganização do Instituto junto de Horkheimer. Em 1967, assume a direção do Instituto de Pesquisa Social até o ano de sua morte.

A Teoria Crítica, principalmente as obras de Adorno, apresenta-se como um grande potencial teórico para se pensar educação. Com o fim da Segunda Guerra e uma Alemanha devastada, o filósofo procura refletir sobre o rumo e o sentido da educação em um contexto pós-guerra.

## 2.2 EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE

Segundo Wolfgang Leo Maar (1995, p. 11), a educação, para Adorno, não é necessariamente um fator de emancipação. Num contexto onde educação, ciência e tecnologia se apresentam de forma global como passaporte para um mundo moderno, ressalta a necessidade da crítica permanente.

Adorno declara que “A exigência de que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO, 1995, p.119). Por isso, após Auschwitz é preciso elaborar o passado e criticar o presente já prejudicado. Alerta contra os efeitos negativos de um processo educacional voltado para uma estratégia de treinamento, e se esquece da forma social em que a educação esta inserida, que concretiza a educação como apropriação de conhecimento técnico, “quanto mais a educação procura se fechar ao seu condicionamento social, tanto mais ela se converte em mera presa da situação social existente” (MAAR, 1995, p. 11). Ou seja, qualquer análise pedagógica deve vir acompanhada das condições sociais objetivas das quais a sociedade se encontra.

Parte de uma concepção dialética e reflete a partir das próprias contradições. Desse modo, localiza que o desenvolvimento da sociedade a partir da Ilustração, onde cabe à educação e à formação cultural um papel de extrema importância, conduziu inexoravelmente à barbárie. Ou seja, “o próprio processo que impõe a barbárie aos homens ao mesmo tempo constitui a base de sua sobrevivência.” (MAAR, 1995, p. 12).

A Teoria Crítica da Sociedade tem como função analisar a formação social em que isso acontece, descobrindo as raízes desse movimento e pensando as condições para interferir no seu rumo.

O essencial é pensar a sociedade e a educação no seu devir. Só assim seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper a barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório, do movimento de ilustração da razão. Esta, porém, seria uma tarefa que diz respeito a características do objeto, da formação social em seu movimento, que são travadas pelo seu encantamento, pelo seu feitiço. Por isso a educação, necessária para produzir a situação vigente, parece impotente para transformá-la (MAAR, 1995, p. 12).

A problemática da barbárie é inerente aos escritos de Adorno que tratam da educação. Para Adorno, as relações sociais objetivas que levaram a barbárie ainda permanecem as mesmas. A estrutura social é baseada numa lógica instrumental a serviço da dominação, baseada na lógica de produção “que no capitalismo tardio se caracteriza pela conversão progressiva de ciência e tecnologia em forças produtivas” (MAAR, 1995, p. 19). A ciência está regida pela produção econômica, numa lógica mercantil, burguesa. Nesse contexto o desenvolvimento científico encontra-se caminhando junto à barbárie. Dentro dessa estrutura de dominação o indivíduo passa a valer o quanto ganha, a educação deixa de ser um processo emancipatório e a formação encontra-se em crise.

Para Adorno “a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geraram esta regressão” (ADORNO, 1995, p. 119), a pressão social, dentro de uma lógica de princípios da racionalidade burguesa, continua se impondo sobre a formação dos cidadãos.

Em *Teoria da Semiformação*, Adorno denuncia uma crise na formação cultural, afirma que a formação cultural se converte em uma semiformação socializada, desta forma, “apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda), a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente.” (ADORNO, 2010, p. 9).

A formação passa a ser entendida como conformar-se a vida real. Destaca-se apenas no momento de adaptação e assim impediu que os homens se educassem uns aos outros. Essa formação, que se volta à adaptação, é um esquema da dominação progressista, onde o sujeito só é capaz de se submeter ao

existente, ou seja, as condições sociais objetivas e a racionalidade que rege as relações dentro dessa sociedade.

No mundo administrado civilizatório em que vivemos, encontramos nas pessoas um sentimento de claustrofobia, quanto mais densa é a rede, mais se tenta escapar, porém mais difícil é a saída. A indústria cultural como dominação pela subjetividade e a transformação da cultura em mercadoria são fatores essenciais para esse sentimento claustrofóbico e a pressão do geral sobre o que é particular sobre os homens individualmente. Suprime com o potencial de resistência, identidade e qualidades. A indústria cultural enquanto fonte de prazer e satisfação momentânea impedem as possibilidades de uma experiência formativa, limitando os sujeitos a experiências restritas e empobrecidas, criando-se um estado de consciência mutilada que reflete sobre o corpo como forma de violência. A pressão para se encaixar/adequar nessa sociedade que a todo o momento reprime o individual é tão grande que quando encontro alguém diferente do que me forço a ser, dentro dessa lógica, conduzo a ela todo o meu ódio.

Um esquema sempre confirmado na história das perseguições é o que a violência contra os fracos se dirige principalmente contra os que são considerados socialmente fracos e ao mesmo tempo ---- seja isso verdade ou não ---- felizes. (ADORNO, 1995, p. 122).

A identificação cega ao coletivo agrava esse estado de violência, quando da à sensação de pertencimento, poder e permissividade para tais atos. Adorno destaca a função do esporte que pode ter um duplo sentido. Por um lado o esporte pode promover a agressão, brutalidade e o sadismo, principalmente para o público que está assistindo, mas não este submetido ao esforço e disciplina do esporte. Por outro lado, o esporte pode promover a empatia e o respeito pelo mais fraco.

Essa ambiguidade é encontrada também na educação, que não é necessariamente um fator de emancipação, mas que pode agravar as condições para a regressão a barbárie.

É necessário se contrapor ao poder cego de todo os coletivos. É preciso se opor a todo tipo de hábito, ritos de iniciação de qualquer espécie, principalmente que gere dor física a alguém com o preço de fazer parte de um grupo, pois segundo o filósofo, "Tendências de regressão ---- ou seja, pessoas com traços sádicos

reprimidos ---- são produzidas por toda parte pela tendência social geral” (ADORNO, 1995, p. 126).

Adorno alerta que é preciso acabar com a ideia, muito comum dentro da educação tradicional, da severidade, da educação baseada na força e disciplina. De que a dor deve ser suportada e o medo reprimido:

O elogiado objetivo ‘ser duro’ de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem diferencia tanto a dor do outro e a dor de si próprio. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. (ADORNO, 1995, p. 128).

Adorno denomina como “caráter manipulador” pessoas que convertem a si mesmo como um objeto, dissolvendo-se como seres autodeterminados, geralmente com tendência a se enquadrar cegamente em coletivos. Resume esse tipo de caráter como uma *consciência coisificada*, que advém da lógica instrumental reforçada pelo modo de sociabilidade. “No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer igual a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas”. (ADORNO, 1995, p.130)

Além da consciência coisificada, é preciso destacar a relação com a técnica. Atualmente a técnica ocupa uma posição importante na sociedade.

Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isso tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes consequências no plano geral. (ADORNO, 1995, p. 132).

Inclina-se a considerar a técnica como uma força própria, que basta e limita-se em si mesma, esquecendo que esta não é neutra, inserta de valores, mas sim, uma extensão do braço dos homens. Da sua supervalorização, verifica-se a fetichização da técnica, que pode levar como o exemplo citado por Adorno (1995, p. 133), a alguém que projeta o sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz, como maior rapidez e eficiência, sem refletir sobre o que acontece com essas pessoas.

## 2.3 EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

Para Adorno, o antídoto contra Auschwitz, seria a autonomia que leva ao poder para a reflexão, a autodeterminação e a não participação.

Em seu texto “Educação ---- Para quê?”, um debate na Rádio de Hessen, transmitido em 26 de setembro de 1966 e publicado em *Neue Sammlung* em Janeiro/Fevereiro de 1967, Adorno se preocupa: “Quando sugeri que nós conversássemos sobre: ‘Formação — para quê?’ ou ‘Educação — para quê?’ , a intenção não era discutir para que fins a educação ainda seria necessária, mas sim: para onde a educação deve conduzir?” (ADORNO, 1995, p. 139).

Adorno deixa claro sua crítica ao conceito de modelo ideal, considerar que alguém se considera com o direito de decidir -impor- a respeito da orientação educacional do outro, é contraditório ao conceito de uma educação emancipatória:

Encontram-se em contradição com a ideia de um homem autônomo, emancipado, conforme a formulação definitiva de Kant na exigência de que os homens tenham que se libertar de sua auto-inculpável menoridade. (ADORNO, 1995, p. 141).

Apresenta uma concepção inicial de educação, não voltada a uma modelagem de pessoas, porque ninguém tem esse direito, mas também que não seja de mera transmissão de conhecimento.

A educação deveria levar a produção de uma consciência verdadeira, para além da adaptação e do ajuste, para que o sujeito consiga diferenciar-se: emancipar-se. Para Adorno a “formação cultural e a diferenciação se equivalem, se eliminarmos os momentos de diferenciação- cuja origem é social e que constituem a formação- em seu lugar aparece um sucedâneo” (ADORNO, 2010, p.25). Essa é até mesmo uma exigência política de uma sociedade democrática, que só é efetiva enquanto sociedade com pessoas emancipadas. Quem defende ideias contrárias à emancipação, defende ideias contrárias à democracia.

Numa democracia, quem defende ideias contrários à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as ideias que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. (ADORNO, 1995, p.142).

A ideia de emancipação é ainda abstrata e encontrasse relacionada a uma dialética. É preciso considerar duas questões importantes sobre ela:

Primeiro, a organização do mundo que vivemos, sua ideologia dominante e a racionalidade que rege nossas relações, o qual exerce uma enorme pressão sobre as pessoas que supera a educação, desse modo para Adorno:

Seria efetivamente idealista no sentido ideológico se quiséssemos combater o conceito de emancipação sem levar em conta o peso imensurável do obscurecimento da consciência pelo existente. (ADORNO, 1995, p. 143).

O segundo questionamento se refere à adaptação. A emancipação significa o mesmo que conscientização, autorreflexão através da razão, porém “a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e essa envolve continuamente um movimento de adaptação” (ADORNO, 1995, p. 143).

Para Adorno a educação seria ideológica e impotente se ignorasse o objetivo da adaptação e que não prepara as pessoas para se orientar no mundo, mas também seria mais questionável ainda se a educação se bastasse a produzir nada além de pessoas conformada com o mundo que o cerca, no qual a situação existente se impõe no que tem de pior.

A adaptação reinstala-se e o próprio espírito converte-se em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por desconhecer-se, se julga liberdade. E essa consciência falsa amalgama-se por si mesma à igualmente falsa e soberba atividade do espírito (ADORNO, 2010, p. 12).

Adorno destaca que “A importância da educação em relação à realidade muda historicamente” (Adorno, 1995, p.144). Entretanto, a realidade atualmente se tornou tão forte que se impõe sobre o homem de tal forma que o processo de adaptação é realizado de forma automática. A educação (por meio da família, escola ou universidade) teria, nesse momento marcando pelo conformismo, muito mais um papel de fortalecer a resistência do que fortalecer a adaptação.

O semiculto dedica-se à conservação de si mesmo. Não pode permitir, então, o que, segundo a teoria burguesa, constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Assim procura subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo em que, objetivamente, se coloca totalmente contra ela (ADORNO, 2010, p. 33).

O processo de adaptação está sendo tão exageradamente forçado por todo o contexto que as pessoas vivem, que estas se encontram em um realismo supervalorizado, deste modo elas precisam:

Impor a adaptação a si mesmos de um modo dolorido, exagerando o realismo em relação a si mesmo, e, nos termos de Freud, identificando-se ao agressor. A crítica deste realismo supervalorizado parece-me ser uma das tarefas educacionais mais decisivas, a ser implementada, entretanto, já na primeira infância (ADORNO, 1995, p.145).

A educação deve ser vista como uma crítica ao processo de adaptação.

Ao falar sobre experiência, Adorno afirma que acredita que os homens não são mais aptos a experiência que, “fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficara borrado no próximo instante por outras informações.” (Adorno, 2010, p.33). Não existe mais, ou é muito difícil, a vivência de uma experiência primária. A constituição da aptidão à experiência consiste primeiramente em uma conscientização, e deste modo, no plano subjetivo, na dissolução dos mecanismos de repressão, da aversão ao que é diferente e na formação vivida dentro desse pseudo-realismo que deformam nas pessoas sua aptidão para a experiência.

A semiformação, “Não se trata, portanto, apenas da ausência de formação, mas da hostilidade frente à mesma, do rancor frente àquilo de que são privadas.” (Adorno, 1995, p. 150). Sem a aptidão a experiência, Adorno concorda que, não existe um nível qualificado para reflexão.

Pensar, neste caso, é o mesmo que fazer experiências intelectuais. O que se caracteriza como consciência é o pensar e relação à realidade, ao conteúdo.

A relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências intelectuais (Adorno, 1995, p. 151).

Assim a educação para a experiência não se diferencia da educação para a emancipação, e como reitera Becker, não se diferencia também da educação para a imaginação.

É preciso pensar em uma educação voltada para a individualidade, a possibilidade de diferenciar-se, pensar criticamente. Para Adorno (2010, p. 25)

formação cultural e diferenciação se equivalem, mas atualmente na sociedade é premiado a não individualização, ao mesmo tempo em que se valoriza exageradamente a competição, paralelamente a isso acontece ao enfraquecimento da formação do eu, pois a formação limita-se no momento da adaptação, impossibilitando sua emancipação. E essa educação sem indivíduos é opressiva.

Quando “cultivamos” os indivíduos apenas para a adaptação, a educação torna-se ideológica, no sentido em que esta (a educação) já não cumpre seu dever, mas se fixa em uma falsa realidade. A possibilidade que existe é tornar tudo isso consciente na educação, já que hoje a individualidade só sobrevive como impulsionador da resistência, “tornando consciente a própria ruptura em vez de procurar dissimulá-la e assumir algum ideal de totalidade ou tolice semelhante” (ADORNO, 1995, p. 154).

### 3 ANÁLISE DO SITE MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO

O Movimento Escola Sem Partido foi idealizado no ano de 2004, pelo advogado Miguel Nagib, após o professor de história de a sua filha comparar um dos líderes da revolução Cubana, Che Guevara, com São Francisco de Assis, um santo muito aclamado dentro da igreja católica, com a intenção de fazer uma analogia entre duas pessoas que abriram mão de diversas coisas em suas vidas por uma ideologia- Che Guevara em nome de uma ideologia política e o Santo por uma ideologia religiosa.

Segundo a reportagem do jornal online “El País”, Miguel Nagib indignado, escreveu uma carta aberta ao professor e imprimiu 300 cópias que foram distribuídas no estacionamento da escola (BEDINELLI, 2016). Porém tal iniciativa não obteve tanto sucesso: a escola esclareceu o ocorrido, os alunos defenderam o professor e os pais simplesmente ignoraram o episódio.

O advogado decide criar o que é denominado Movimento Escola sem Partido, onde propõe um canal online para coletar denúncias e evidências de doutrinação em escolas. Segundo a página, os criadores do movimento foram inspirados por um site americano, chamado NoIndoctrination.org que não existe mais, entretanto tinha a mesma proposta que o Movimento brasileiro apresenta atualmente.

É importante destacar que do Movimento ESP originaram-se vários projetos de lei, denominado Programa Escola Sem Partido, que inicia em 2014 quando o Deputado Estadual do Rio de Janeiro Flavio Bolsonaro pede ao advogado Miguel Nagib que escrevesse um projeto de lei que contemplasse a causa do movimento.

Ambos vêm conquistando cada vez mais a atenção e estão ganhando adesão principalmente em espaços políticos e religiosos. Destaca-se como uns dos principais meios de divulgação do movimento o site [escolasempartido.org](http://escolasempartido.org), fonte de análise deste capítulo. Nosso objetivo consiste em analisar as propostas e acontecimentos relacionados à Escola Sem Partido, divulgados neste veículo.

No site, o Movimento Escola Sem Partido se define como uma iniciativa conjunta de estudantes e pais que estão preocupados com o grau de “contaminação político-ideológica” do ensino básico ao superior. Segundo o coordenador Miguel Nagib, existe um “exército organizado travestidos de professores” prevalecendo de

uma “liberdade de cátedra e da cortina de segredos das salas de aula para impingir-lhes a própria visão de mundo” (NAGIB, [2004?]).

Para resolver este possível problema destacado pelo Movimento Escola Sem Partido um dos objetivos do site é divulgar o testemunho das chamadas vítimas, que são para eles os próprios alunos. Nesse sentido, segundo os organizadores, a página está aberta a todos que tenham algo a dizer sobre o tema.

O objetivo deste capítulo é traçar a concepção de Formação e Educação a partir da visão do Movimento Escola sem Partido segundo as informações disposta na página da web. Para isso, no primeiro momento, apresentamos uma proposta de organização da página em seções, com o objetivo de facilitar a análise de todos os tópicos encontrados, mostrando uma visão geral do conteúdo abordado pelo site. Propõe uma pequena análise sobre o principal conteúdo abordado pelo Movimento: a doutrinação e o que ela significa para da educação.

No segundo momento, buscamos refletir sobre como o papel do professor é representado pelo Movimento Escola Sem Partido, considerando que essa figura está no centro da crítica do Movimento.

Por último, buscamos depreender o sentido de formação para o Movimento, perpassando pelo sentido da escola e da liberdade de aprender e ensinar, que segundo seus defensores, deve manter o ideal de neutralidade.

### 3.1 ORGANIZAÇÃO E CONTEÚDO DA PÁGINA

O conteúdo da Página do Movimento Escola Sem Partido é formado principalmente por notícias de jornais online, pequenos textos/artigos e denúncias - relatos e vídeos- enviada por pessoas que acessam o site, sendo que algumas das publicações oferecem um curto comentário feito por página.

Com um amplo conceito sobre o significado de “doutrinação” e o que ela abrange, é repetido excessivamente que está relacionado a uma defesa de um lado político, ideológico, partidário e o não respeito a moral da família. Apresentam o problema da doutrinação como um grave problema na educação brasileira. Dentre os argumentos em primeiro lugar, porque consiste em um “cerceamento da liberdade de aprender do estudante”, em segundo lugar por que as vítimas dessa doutrinação são formadas por jovens inexperientes e imaturos, incapazes de reagir intelectualmente e emocionalmente ao professor que “está fazendo a sua cabeça” e,

por ultimo devido à extensão do fenômeno. O site não desenvolve o conceito de nenhum dos temas mais abordados (doutrinação, consciência crítica, neutralidade ideológica, poder do professor, liberdade de ensinar, entre outros), as respostas e textos são baseados em opiniões do movimento, em nenhum momento a página apresenta referenciais teóricos como embasamento para o que está sendo divulgado.

Após tais considerações, podemos organizar o site da seguinte maneira:

Pode-se definir uma primeira seção com os tópicos “Apresentação”, “Sobre nós” e “Objetivos”. Nesta seção, em “Apresentação”, o Movimento defende que a escola deve funcionar como um centro de produção e difusão de conhecimento, que deve ser aberta a diversas perspectivas de investigação e reflexão com neutralidade sobre a realidade. Aponta que as escolas públicas e particulares, não cumprem mais seu papel, pois estas são “Vítimas do assédio de grupos e correntes políticas e ideológicas com pretensões claramente hegemônicas”.

Em “Sobre nós” o ESP colocando-se como o único site no Brasil que é dedicado ao problema da utilização do ensino para fins políticos e ideológicos, para o Movimento os professores têm o dever moral e profissional de buscar a perfeita neutralidade e objetividade, pois o conhecimento é vulnerável à contaminação ideológica. No tópico “Objetivos”, apresenta-se como o objetivo expor a comunidade um acervo de informações. Segundo a página, a luta travada é pela descontaminação e desmonopolização política das escolas.

Outros objetivos têm relação ao respeito pela integridade intelectual e moral do aluno, considerando que em sala de aula, o professor é autoridade e não deve abusar do poder. Além disso, destaca-se o respeito ao direito dos pais de dar aos seus filhos a educação moral de acordo com suas convicções. De acordo com o site, este já é um direito previsto na Convenção Americana de Direitos Humanos, trata-se de que algumas matérias obrigatórias abordam questões morais que violam esse direito, por isso surge à necessidade de que esse conteúdo moral seja varrido dessas disciplinas, acoplando-se em uma disciplina facultativa.

A segunda seção caracteriza-se pela divulgação de conteúdo pela mídia, pais ou alunos, através dos tópicos “Corpo de delito”, “Defenda seu Filho” e “Depoimentos”.

No tópico “Corpo de delito”, apresentam-se artigos, textos e documentos que tem por objetivos comprovar “a instrumentalização do ensino para fins políticos e

ideológicos”, como exemplo destaca-se um dos artigos chamado “Políticos e burocratas planejam assalto à autoridade moral dos pais” onde a intenção é comprovar como autoridades políticas e especialistas pretendem acabar com a autoridade dos pais sobre seus filhos quando defende que “a escola tem o dever de promover o respeito à diversidade sexual”. Em outro exemplo, no texto “Nem a Matemática escapou...” o movimento expõe um convite feito através de um e-mail para assistir a uma defesa de tese na Faculdade de Educação da USP, onde o autor busca refletir sobre as contribuições de Paulo Freire e Ubiratan D'Ambrosio na formação do professor de matemática.

Em “Defenda seu Filho” tem um espaço de mensagens enviadas pelos pais de alunos que imaginam serem vítimas de doutrinação político-ideológica em sala de aula. No tópico “Depoimentos”, que conta com aproximadamente 62 depoimentos, sendo que o primeiro depoimento está datado em Maio de 2004 e o mais recente em Maio de 2019, os estudantes podem relatar suas histórias, com o objetivo de ajudar outros estudantes a identificar formas diferentes de doutrinação para se precaverem e mostrar aos professores que se identifiquem com tais práticas para que repensem suas posturas.

Alguns exemplos. Um dos depoimentos feitos nessa plataforma, no ano de 2017, um aluno do curso de filosofia tenta provar que em sua faculdade existe doutrinação, considerando que a biografia de livros que ele leu durante o curso conta com obras de Rousseau, Foucault, Deleuze entre outros filósofos na qual o estudante considera de esquerda. Acusa os professores de esconder o “outro lado” e desse modo à doutrinação acontece quando estes indicam Rousseau, mas não Burke.

Em outro depoimento, datado no ano de 2015, um aluno de 16 anos, que cursa o segundo ano do ensino médio que afirma estar se envolvendo um pouco mais em questões políticas, conta que ficou sabendo sobre uma suposta doutrinação político-ideológica nas instituições educacionais e a partir disso passou a pesquisar sobre o Marxismo Cultural. Depois disso o aluno afirma que começou a identificar “deturpações da história e da realidade nos livros didáticos e mais tarde no discurso dos professores”, afirmando estar estudando através de fontes independentes, insiste que os materiais didáticos escolares são de péssima qualidade, acredita que “Professores insistem em dizer mentiras a respeito da ditadura cubana/comunista, difamar as manifestações anti-PT e com suporte do

material didático, imbecilizar os estudantes e guiar os mesmos a ter um pensamento voltado à esquerda.”.

A terceira seção engloba os tópicos “Artigos” e “Mídias”. O primeiro tópico refere-se a diversos textos relacionados aos temas defendidos pelo Movimento Escola Sem Partido, como a questão da instrumentalização do ensino para fins políticos. O segundo tópico reúne matérias/reportagens encontradas nas mídias de comunicação que denunciam as doutrinações nas escolas ou que divulgam notícias sobre o movimento, como entrevistas com o coordenador Miguel Nagib, grande parte das publicações estão acompanhadas de comentários feitos pela página. Temos exemplo a última publicação nesse tópico, feita em 2017, denominada “Escola Sem Partido vai à justiça contra exigência de redação do ENEM” o movimento pede a retirada do critério que anula a redação que desrespeite os Direitos Humanos em nome da liberdade de pensamento.

Forma a quarta seção o tópico “Doutrina da Doutrinação”, um espaço para divulgar “manipulação de segundo grau” que esta por traz da “ação espontânea dos despertadores de consciência crítica”, em um dos textos exposto “A mão que balança o berço” o movimento crítica os autores debatidos em uma formação pedagógica, divulgada em uma reportagem publicada no canal de notícias da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul em 10/12/2013. O tópico “Doutrinação pelo mundo” onde o site reuniu informações, reportagens e vídeos sobre a doutrinação que, segundo o Movimento, acontece em vários países do mundo, entre as reportagens, várias encontram-se sem tradução.

E também o tópico “O Papel do Governo” que denúncia através de textos, normas e documentos a participação do Governo como cúmplice da “doutrinação ideológica e com a usurpação da autoridade moral dos pais pelas escolas e professores”, já que os governos municipais, estaduais e federal desempenham um grande papel na educação devido ao volume de recursos destinados ao ensino. Em um dos textos desse tópico chamado “RJ: Estado tem a primeira transexual a exercer função de comando em escola” de 2014, o que chama atenção é o comentário feito pela página, onde diz que a Secretaria de Educação foi inteligente ao promover a professora transexual para a direção, pois essa dentro de sala iria arrumar problemas de indisciplina entre os alunos adolescentes.

Constitui a quinta seção os tópicos “Educação Moral: Direitos dos Pais” e “Síndrome de Estocolmo”. O primeiro tópico é um compilado de reportagens,

artigos, depoimentos e denúncias que se relacionam a “usurpação, pelas escolas e pelo governo, do direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.” O próximo tópico divulga episódios que ilustram o que o Movimento denomina de Síndrome de Estocolmo: um sequestro intelectual, onde o estudante doutrinado desenvolve uma ligação afetiva com o professor doutrinador. Segundo o site:

Dependendo do grau de sua identificação com o sequestrador, a vítima pode negar que o sequestrador esteja errado, admitindo que os possíveis libertadores e sua insistência em punir o sequestrador são, na verdade, os responsáveis pela situação.

A identificação com o professor seria o motivo de muitos estudantes negarem que estão sendo doutrinados, como também de se apresentarem furiosos na defesa de seus professores quando lhe é mostrada “a verdade” que está acontecendo.

A sexta seção é formada pelos tópicos “Livro Didático”, “Universidades” e “Vestibular”. O Movimento tem a intenção de denunciar as questões e gabaritos que evidenciam a contaminação ideológica nos exames de vestibular, provas de concurso, nas universidades e nos livros didáticos que demonstram, segundo o site, um forte indício do enfoque adotado pelos professores em sala de aula.

Ao falar das universidades, segundo o movimento, a doutrinação começa já no processo seletivo “pois há inúmeros casos de questões de vestibular que forçam os alunos a assimilar e reproduzir teorias e ideologias afinadas com a esquerda intelectual e política para ter chances de ser aprovado”. Para o movimento, o viés ideológico nas universidades se apresenta de várias maneiras: na escolha de autores, textos e imagens; nas pressuposições e afirmações que são definidas como verdadeiras ou falsas; nas omissões; nos julgamentos; nos recortes seletivos dos fatos; na apresentação de protagonistas como opressores e oprimidos.

Deste modo, como a ideologia começa na prova do vestibular, sinaliza para o ensino médio qual o enfoque a ser adotado para as escolas que almejam bom índices de aprovação nas universidades. Depois que são aprovados nos cursos, “os alunos são submetidos à influência de professores que fazem comentários políticos-ideológicos em sala de aula mesmo quando o assunto pouco ou nada tem a ver com política”. Mas seria nos cursos universitários nas áreas de educação, ciências humanas e sociais que as práticas doutrinadoras se apresentam mais fortes e explícitas.

O site utiliza como exemplo o uso das ideias de Paulo Freire que são ensinadas como verdade absoluta e o exemplo dos cursos de ciências sociais, no qual se utiliza em suas bibliografias uma ampla predominância de autores críticos ao capitalismo.

Para o aluno poder identificar se está sendo vítima de doutrinação ideológica, a página descreve 17 atitudes do professor que podem ser consideradas doutrinação, segundo a opinião do Movimento Escola Sem Partido.

Como por exemplo, “adota ou indica livros, publicações e autores identificados com determinada corrente ideológica”; “transmite aos alunos a impressão de que o mundo da política se divide entre os ‘do bem’ e ‘do mal’; “encaminha o debate de qualquer assunto controvertido para conclusões que necessariamente favoreçam os pontos de vista de determinada corrente de pensamento” e “não admite a mera possibilidade de que o ‘outro lado’ possa ter alguma razão”.

Para o Movimento<sup>2</sup>, no Brasil é uma unanimidade que quem:

Promove à doutrinação político-ideológica em sala de aula, de forma sistemática e organizada, com apoio **teórico** (Gramsci, Althusser, Freire, Saviani, etc.), **político** (governo e partidos de esquerda, PT à frente), **burocrático** (MEC e secretarias de educação), **editorial** (indústria do livro didático) e **sindical** é à esquerda.

Por fim, destacamos a sétima seção, na qual traz elementos mais direcionados ao papel do professor, foco de análise deste trabalho. Esta seção traz os tópicos: “Dia Nacional de Luta contra a Doutrinação nas escolas”, “Deveres do Professor”, “Flagrando o doutrinador”, “Planeje sua Denúncia”, “Conselho aos Pais”, “Caso COC” e “FAQ”.

No tópico “Dia Nacional de Luta Contra a Doutrinação” e em “FAQ” a página cita a pesquisa do Instituto Sensus<sup>3</sup>, no qual afirma que a maioria dos professores acredita que o principal papel da escola é despertar a consciência crítica nos alunos,

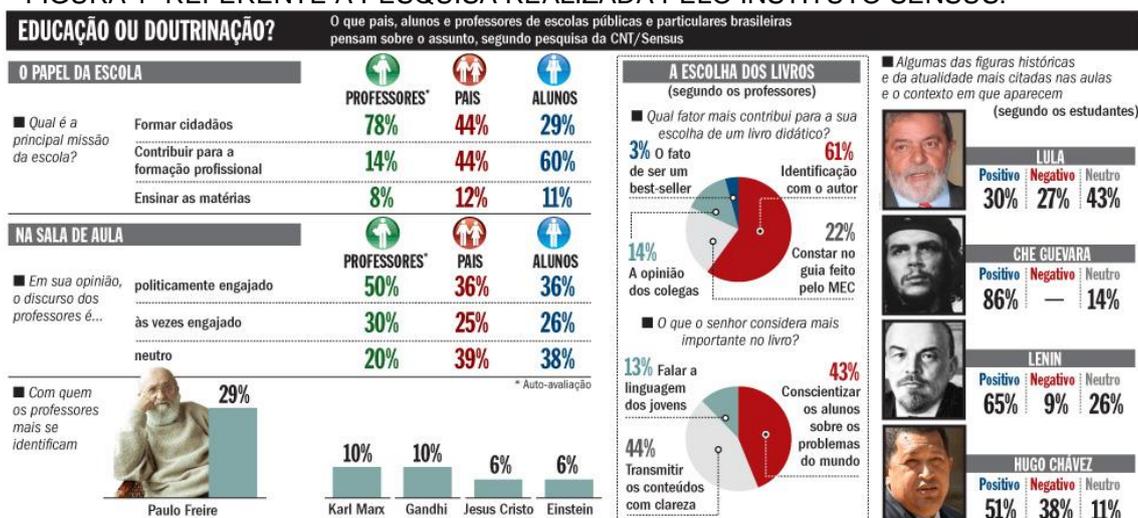
---

<sup>2</sup> O Movimento se declara apartidário, entretanto a constantes ataques a “esquerda”, e afirmam que existem alguns professores de direita que usam a sala de aula para fazer a cabeça dos alunos, mas esses são “Franco-atiradores” e trabalham por conta própria.

<sup>3</sup> O site não apresenta maiores informações sobre a pesquisa do Instituto Sensus, porém em uma reportagem denominada “14 PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE O ESCOLA SEM PARTIDO”, do site SindProDF, afirma que a pesquisa foi encomendada pela revista Veja e que tal reportagem não detalha a metodologia do levantamento de dado ou a margem de erro, somente que foram 3 mil entrevistados.

apresenta a informação de que mais da metade dos professores acredita que a missão da escola é formar cidadãos, mas que na opinião do Movimento isso significa “fazer a cabeça dos alunos” (FIGURA 1). Nagib utiliza os dados levantados nessa enquete realizada pelo instituto senso como embasamento científico ao seu Movimento ESP, citando tais resultados em diversos textos, documentos e também na entrevista à Poli (GUIMARÃES, 2016).

FIGURA 1- REFERENTE À PESQUISA REALIZADA PELO INSTITUTO SENSUS.



FONTE: SITE ESCOLA SEM PARTIDO

Além da falta de informação sobre como foi realizada tal pesquisa, é preciso refletir sobre as limitações e interpretações das questões e respostas apresentadas. Por exemplo, ao informar que os estudantes mencionam citações favoráveis em sala de aula a nomes de personalidades como Lula, Che Guevara, Lenin e Hugo Chávez, é interessante saber se a pergunta feita ao entrevistado permitia que ele escolhesse/denominasse outros nomes, ou em qual contexto tais pessoas estavam respondendo a esta pesquisa, em quais e quantos lugares essa pesquisa foi feita. Nesse sentido, não podemos afirmar que é razoável que a o movimento baseie sua justificativa em uma pesquisa rasa, com tantas lacunas e que não representa uma unanimidade para afirmar que esse problema é nacional e não específico de uma região, cidade ou escola.

### 3.2 SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR

O professor é uma das figuras principais dentro da proposta do Movimento Escola Sem Partido, pois seria este o “militante travestido” dentro da sala de aula. Desta forma, considera o professor com um poder imenso dentro da sala de aula, pois o aluno além de ser obrigado a escutá-lo e aprender o conteúdo transmitido por ele, também deve ser capaz de reproduzir esse conteúdo se quiser obter boas notas e ser aprovado, sendo assim intelectualmente o aluno estaria submetido à autoridade do professor.

Deste modo, o professor considerado “militante” que abusa de sua situação para fazer a “cabeça dos alunos”, pois teria o conhecimento de que a reavaliação das ideias e convicções adquiridas durante a adolescência exige um grande investimento intelectual e emocional pesado demais para grande maioria das pessoas. Para ilustrar essa representação da caricatura do professor, o site conta com imagens pejorativas, que estão sempre acompanhadas de palavras que marcam negativamente o trabalho docente. Referem-se ao professor como “doutrinador”, “sequestrador”, “monstro” e “manipulador” e ao movimento como um revelador da “verdadeira natureza dessa impostura”. A Figura 2 apresenta uma imagem encontrada no site, onde um homem se encontra sentado com o corpo numa expressão de “submissão” e utilizando um antolho<sup>4</sup> sendo seguida pelo título “Não deixe que seu professor faça isso com você”.

FIGURA 2-“NÃO DEIXE QUE SEU PROFESSOR FAÇA ISSO COM VOCÊ”.



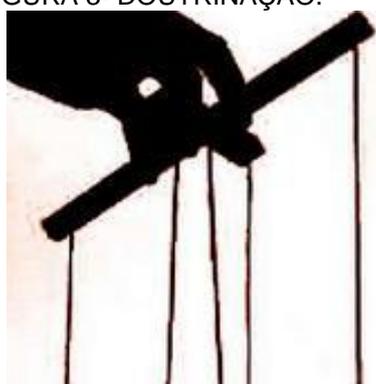
FONTE: SITE ESCOLA SEM PARTIDO.

---

<sup>4</sup> Peça de couro que colocada ao lado dos olhos de certos animais, reduzem a sua visão.

A figura 3 apresenta uma mão controlando as cordas de um fantoche, representando a percepção do movimento sobre a relação professor-aluno: o professor que controla e manipula e o aluno que é manipulado e passivo.

FIGURA 3- DOUTRINAÇÃO.



FONTE: SITE ESCOLA SEM PARTIDO.

Para além da questão política-ideológica, o professor retratado pelo Movimento Escola sem Partido é também o responsável pela usurpação do direito dos pais de educarem seus filhos segundo suas próprias convicções, religião e moral. O ponto de vista no qual o Movimento se baseia está expresso no artigo “Direito dos pais ou do estado?” de autoria do Luiz Carlos Faria da Silva e Miguel Nagib.

O artigo que pode ser encontrado na página do Movimento, foi publicado no jornal Folha de São Paulo na edição de 30.01.2011, é um texto com dez parágrafos pelo qual os autores criticam o uso do livro “Mamãe, como eu nasci?” usado na rede das escolas públicas de Recife (FIGURA 4). Baseando-se na Convenção Americana sobre Direitos Humanos (CADH), expressam suas opiniões sobre o tema sexualidade como sendo de direito restrito a família. Os autores defendem que os professores não conseguem dar conta de sua principal obrigação e “usam o tempo precioso de suas aulas para influenciar o juízo moral dos alunos sobre temas como sexualidade, homossexualismo, contracepção, relações e modelos familiares etc”. Para o movimento, deste modo o professor impõe sua “verdadeira” moral, fazendo a criança questionar o que é aprendido em casa. No tópico “Conselho aos pais” é indicado que os pais exerçam o direito que lhes é assegurado pelo artigo 12 da

CADH: “Os pais têm direito a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções”.

FIGURA 4- LIVRO “MAMÃE, COMO EU NASCI?”.



FONTE: SITE ESCOLA SEM PARTIDO.

O professor é narrado como um “sequestrador intelectual” e os alunos que demonstram alguma identificação com este profissional estão sobre o efeito, do que o Movimento denomina como Síndrome de Estocolmo. Estes alunos, retratados como reféns, criam uma relação de paixão/admiração sendo incapazes de perceber seu sequestrador e responsabilizam aqueles que tentam libertá-los, como responsáveis pela situação. O site apresenta sete episódios, tendo o objetivo de ilustrar a forma que a Síndrome de Estocolmo acontece, dentre os episódios, vídeos e textos com títulos como “Alunos ou Reféns” e “Monstro totalitário arreganha os dentes”. Um dos episódios descritos nesse tópico é o “Caso Sigma”, onde Nagib escreve sobre sua própria experiência com o antigo professor de sua filha e a carta aberta. O advogado apresenta em seu texto algumas respostas que recebeu de estudantes, que o ofenderam e defenderam o professor. Porém, não há nenhuma prova da veracidade dessas respostas e a própria carta escrita pelo advogado não se encontra mais disponível para ser lida.

Como um meio de tentar impedir a atuação dos “professores doutrinadores” em sala de aula, o Movimento Escola sem Partido indica aos pais e alunos que planejem sua denúncia:

Na dúvida, não se precipitem. Planejem a sua denúncia. Anotem os episódios, os conteúdos e as falas mais representativas da militância política e ideológica do seu professor. Anotem tudo o que possa ser considerado um abuso da liberdade de ensinar em detrimento da sua liberdade de aprender. Registrem o nome do professor, o dia, a hora e o

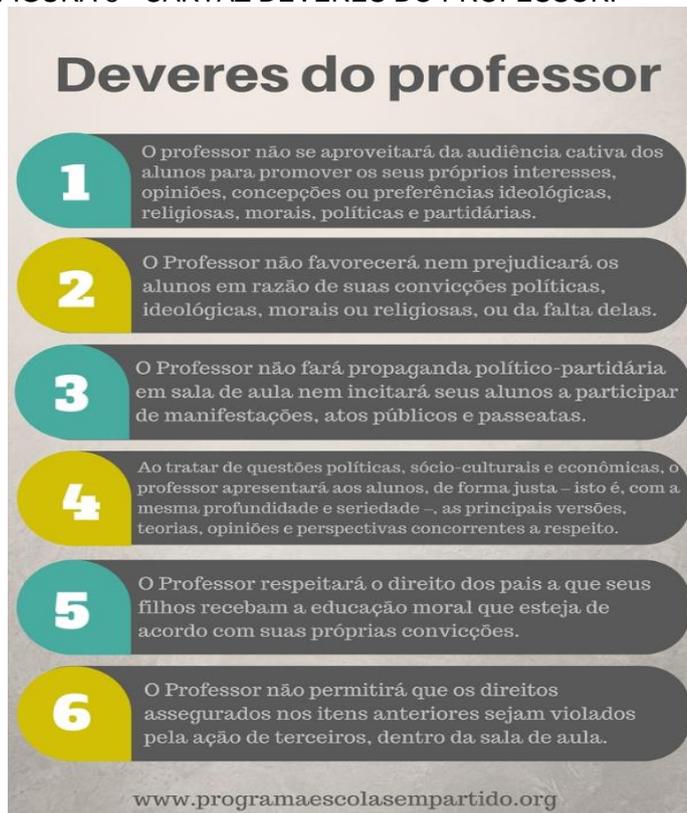
contexto. Sejam objetivos e equilibrados. Acima de tudo, verazes. E esperem até que esse professor já não tenha poder sobre vocês. Esperem, se necessário, até sair da escola ou da faculdade. Não há pressa.

Quando estiverem seguros de que ninguém poderá lhes causar nenhum dano, DENUNCIEM a covardia de que foram vítimas quando não podiam reagir.

**Façam isso pelo bem dos estudantes que estão passando ou ainda vão passar pelo que vocês já passaram. É um serviço de utilidade pública.**

Além do incentivo ao processo jurídico e midiático contra a escola e o professor, o Movimento elaborou uma relação de “Deveres do Professor” (FIGURA 5), apresentado como proposta nos Projetos de Lei, que prevê sua fixação em todas as salas de aula, pois “só um estudante consciente dos seus direitos poderá defendê-los contra a ação abusiva de professores militantes”.

FIGURA 5- CARTAZ DEVERES DO PROFESSOR.



FONTE: SITE MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO.

### 3.3 CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO

Na visão do ESP, a escola tem um objetivo claro: a transmissão do conteúdo do professor para o aluno de forma neutra e que tal ideal de neutralidade é algo que

deve ser perseguido pelos professores. Na opinião do Movimento dizer que o conhecimento não pode ser imparcial tem uma dose de “má fé”.

Nesse sentido, a “liberdade de ensinar” do professor não pode ser confundida com a sua “liberdade de expressão”, pois esta última é a liberdade de dizer qualquer coisa sobre qualquer assunto, “se o professor desfrutasse dessa liberdade em sala de aula, ele sequer poderia ser obrigado a transmitir aos alunos o conteúdo da sua disciplina”. Seguindo essa lógica, podemos refletir sobre se o direito a “liberdade de expressão” desobrigaria o professor a cumprir um currículo e também se essa mesma “liberdade de expressão” dá o direito de pessoas descumprirem leis dentro da sociedade porque discordam com elas, ou então se a “liberdade de aprender” dos (as) alunos (as) também se distancia da sua “liberdade de expressão” e se (as) alunos (as) tem o direito de utilizar sua “liberdade de expressão” dentro de sala de aula ou o direito a liberdade de expressão é restrita a certos espaços e momentos sociais.

Quando se refere à tentativa atual dos professores de “despertar a consciência crítica dos alunos”, afirma que não haveria nada de errado se essa não fosse uma tentativa de “fazer a cabeça” do aluno, pois está sempre direcionada aos mesmos alvos: “a civilização ocidental, o cristianismo, os valores cristão, a igreja católica, a família tradicional, a propriedade privada, o capitalismo, o livre-mercado, o agronegócio, o regime militar, os Estados Unidos, etc.”, fazendo com que os estudantes criem uma noção distorcida da realidade.

Ao citar Max Weber “Em uma sala de aula, a palavra é do professor, e os estudantes são condenados ao silêncio. Impõem as circunstâncias que os alunos sejam obrigados a seguir os cursos de um professor [...]”, o ESP claramente defende uma concepção de educação que se pauta em uma concepção de transmissão de conteúdos supostamente neutros, e o aluno como agente passivo do processo.

A construção ética e moral dos alunos dentro da sua formação é responsabilidade apenas da família. Mas, qual é a concepção de família adotada pelo movimento? Como é a estrutura esse modelo de família? É seguro afirmar que todos ou a maioria das crianças terão acesso a uma educação moral e ética satisfatória?

Como resposta para essas reflexões, apresentamos algumas reportagens que abordam o perigo de não refletir sobre determinados temas dentro da escola.

Como exemplo, o caso do britânico Daniel Dowling que foi obrigado aos 11 anos pelo pai a ter relações sexuais com a própria madrasta e submetido à pornografia com a justificativa de “que não se tornasse gay” (PAI..., 2018).

Outro exemplo é da própria Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves que em entrevista revela que foi violentada e ameaçada sem chances de defesa pelo pastor de confiança da sua família. A ministra afirma ainda que depois de adulta, descobriu que seus pais souberam do ocorrido, entretendo na época nada foi feito (BRANDALISE, 2018).

Um último exemplo, sobre duas crianças do estado do Mato Grosso, que após uma palestra na escola sobre o tema abuso sexual, contaram a professora sobre a violência que estavam sofrendo. O suspeito, que foi preso, era próximo à família e aproveitava de tal confiança para cometer os abusos nas duas meninas que são primas (CRIANÇAS..., 2018).

#### **4 ANÁLISE DO MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE.**

Na atualidade, a sociedade tem uma organização que se fundamenta em uma sociedade capitalista, do consumo e produção de mercadoria. A educação e a formação cultural, fazendo parte dessa sociedade, estão cercadas por uma lógica mercantil, que vem sofrendo uma profunda crise de fundamentos: a escola se torna uma arena de lutas, pois os referenciais de formação humana têm estado subjugados por uma lógica de mercantilizar a educação.

Dentro desse contexto social, a Teoria Crítica se apresenta como uma possibilidade de se pensar a educação e a formação. Para Adorno, que viveu em um contexto de guerra e pós-guerra, há uma necessidade de uma crítica imanente, ou seja, uma crítica interna da produção dos processos formativos na contemporaneidade, principalmente nas escolas, que estão em um sentido contrário de um processo educativo com potenciais emancipatórios.

O sentido de emancipação não está relacionado a quanto conteúdo a pessoa sabe ou quão inteligente uma pessoa é, mas sim a capacidade que ela tem de tomar decisões e avaliar sobre a sua condição, de compreender a realidade. A educação submetida aos interesses do mercado dificulta/limita esse processo e a condição para que o pensamento autônomo se realize, mas ao contrário reforça a crise da formação. Segundo Maar, “A crise no processo formativo e educacional, portanto, é uma conclusão inevitável da dinâmica atual do processo produtivo” (1995, p. 19).

A educação para Adorno significa a produção de uma consciência verdadeira que se baseia pela autodeterminação, autocrítica e autorreflexão.

A educação não se limita a transmissão de conteúdos, como algo neutro e técnico. Na concepção de Adorno, não é possível conceber a educação restrita ao ponto de vista da técnica, pois é histórica e social – portanto, a educação é um ato político. A limitação da perspectiva instrumental, em que os fins se sobrepõem aos meios, é evidenciada em Auschwitz: pessoas educadas permitiram e alimentaram que a barbárie do nazismo. Em nome da técnica e da ciência, engenheiros trabalharam na construção de campos de concentração, cientistas subjugaram judeus e outras vítimas do nazismo, pessoas escolarizadas permitiram e se omitiram durante toda a ascensão nazista.

Para Adorno a exigência da educação é que “Auschwitz não se repita”, e com isso incluímos todo o tipo de barbárie. Entendemos que a educação não tem a capacidade de impedir (a educação por ela mesma) que aconteça novamente, entretanto é visível sua importância e necessário refletirmos como Adorno: Educação, para quê? Para onde a educação deve conduzir?

O que Adorno reitera é que a crise na formação cultural, não é um simples objeto específico da pedagogia, para ele:

Reformas pedagógicas isoladas, embora indispensáveis não trazem contribuições substanciais. Podem até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e por que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles. (ADORNO, 2010, p. 8).

Para entendermos a crise da formação cultural, precisamos primeiro compreender as relações sociais objetivas em que ela acontece. Enquanto perdurar o mesmo modelo de sociedade com diferenças econômicas, de competitividade, de trabalho alienado, da ciência submetida às forças produtivas, voltada para produção de conhecimento que busca apenas atender a lógica do mercado, não é possível estabelecer verdadeiramente uma sociedade livre e justa.

Tal lógica que rege as relações sociais estende-se para a esfera privada, é o que Adorno denomina como Indústria Cultural, atua como instrumento de integração.

Contudo a indústria cultural, em sua dimensão mais ampla- tudo o que o jargão específico classifica como *mídia* -, perpetua essa situação, explorando-a, e assumindo-se como cultura em consonância com a integração, o que, se for mesmo essa, não será aquela. Seu espírito é a semicultura, a identificação (ADORNO, 2010, p.19).

Dessa forma, a cultura se transforma também em mercadoria, integrando o indivíduo ainda mais a lógica de alienação e dominação, em que as relações individuais também são guiadas pela lógica do mercado e consumo. Os princípios mercantis reduzem o potencial humano das pessoas de compreensão da própria existência, devido a integração (ou adaptação, de reprodução desse modelo hegemônico baseado nessas relações sociais objetivas).

Deste modo, as condições atuais de transformar essas relações econômicas, de exploração, de condições desiguais (sejam elas econômicas ou culturais), podem ser pensadas na escola, bem como a reflexão sobre os efeitos na subjetividade.

Sendo assim, apresentamos nossa primeira crítica ao Movimento Escola Sem Partido. Apesar de justificar sua existência pelo seu slogan de combate de uma ideologia política nas escolas, o discurso do Movimento Escola Sem Partido não se limita a isto. A crítica (que não apresenta um sentido de questionamento e diálogo, mas sim de criminalização e censura) ao ensino público, ao material didático, ofertado gratuitamente, a defesa de uma escola neutra e técnica com a função de preparar exclusivamente para atender ao mercado de trabalho, evidenciam que o movimento segue a direção contrária à da emancipação, porque reforça as relações sociais que impedem o sentido e a finalidade a formação cultural, tornando a escola uma arena de denúncia e censura de determinados temas.

A ambiguidade do significado da “Doutrinação”, como tudo aquilo que não é considerado neutro, além de criar um clima de conflito, medo e insegurança nas escolas, limita a discussão e o ensino, pois o que o ESP deixa a entender que doutrinação é tudo aquilo que contraria o pensamento/convicções da família de cada aluno. A justificativa do movimento como uma iniciativa criada a partir de uma preocupação com o assédio de correntes políticas e ideológicas dentro das escolas se anula quando apoiadores do ESP são elogiados ao defenderem um posicionamento político durante horário de aula, como aconteceu com a professora e também deputada estadual Ana Caroline Champagnolo, apoiadora do Movimento Escola Sem Partido, que posou para uma foto dentro de sala de aula com um aluno utilizando a camiseta de Jair Bolsonaro. (DEPUTADA..., 2018).

A defesa da neutralidade nas escolas, além de inalcançável, prejudica a ação educativa, em seu potencial formativo, quando não se permite o debate, confronto de ideias e visões de mundo em sala de aula sobre temas relacionados ao cotidiano e as práticas sociais, que permitiriam os estudantes compreender de forma crítica o mundo em que fazem parte. Desta forma, os pressupostos do Movimento inconstitucionais, uma vez que nega ao aluno a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1988, art. 206).

A concepção de educação neutra e técnica defendida pelo ESP, além de enfraquecer os processos formativos, limita o aluno na condição de adaptação, submetendo-o a uma razão instrumental, condicionando aos padrões da semiformação, da integração, que orienta-se pela padronização da formação e a perda da diferenciação, impedindo este de se formar como um sujeito crítico, autônomo e livre

quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas – sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação -, cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove a formação regressiva (ADORNO, 2010, p. 11).

Impede também que este sujeito confronte os conhecimentos hegemônicos, a lógica predominante e princípios que levam à barbárie: reforçando a competitividade, conseqüentemente, a indiferença, a violência. Quando se nega a possibilidade de refletir e questionar, o aluno torna-se indiferente a barbárie, a crueldade, a exclusão, naturalizando o preconceito e a intolerância, rompendo com a máxima da educação, que para Adorno é “que Auschwitz não se repita”.

O Ur-fascismo, ou fascismo eterno, ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis. Seria muito confortável para nós se alguém surgisse na boca de cena do mundo para dizer: ‘quero reabrir Auschwitz, quero que os camisas-negras desfilem outra vez pelas praças italianas!’. Infelizmente, a vida não é fácil assim! O Ur-fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o dedo para cada uma de suas novas formas- a cada dia, em cada lugar do mundo (ECO, 2018 apud BARBOSA, 2019).

Para o funcionamento de uma escola baseada na suposta neutralidade e em seus aspectos técnicos, na perspectiva do controle, o ESP incentiva a denúncia de professores a qualquer sinal de possível “doutrinação”, a partir da visão do aluno, intimida professores e limita o debate em sala de aula - o professor é uma figura constantemente atacada dentro desse contexto. Imagens ofensivas, palavras que o definem como doutrinador, sequestrador, monstro, “lobo em pele de cordeiro” e manipulador são utilizadas com frequência pelo Movimento e seus defensores, desprezando a capacidade profissional do professor (a). A alternativa escolhida pelo ESP para garantir a não doutrinação nas escolas, que acontece através da imposição de deveres, a vigilância constante de alunos e família, o incentivo a perseguição, punição e silenciamento fragiliza ainda mais a relação professor-aluno-família, tão importante para os processos formativos.

Para o Movimento ESP o professor não deve ser um educador, mas sim um burocrata responsável apenas pela transição de conhecimentos já pré-estabelecidos, simplificando o processo formativo. O sentido de formação para o ESP vai ao encontro de transformar a educação em um objeto e de reduzir os

processos de debate. Tal aspecto é interessante para a lógica hegemônica, sendo assim a concepção de educação está relacionada apenas à função de atender a princípios mercantis.

Como se pode notar, nos moldes do sistema capitalista, os referenciais da razão se convertem em uma racionalidade produtivista sem sentido ético, subordinada à produção econômica, que determina o sentido da vida social. A própria ciência se torna força produtiva à mercê dos interesses econômicos, o que dá o tom dos processos formativos. Assim, a crise do processo educacional, também é resultado da dinâmica dos processos produtivos, legitimados pelo discurso científico (BARBOSA, 2019, p. 179).

Desta forma, a escola torna-se um lugar de disputa entre o bem e o mal, o certo e o errado, reforçando práticas de violência, discurso de ódio e intolerância a quem pensa de forma diferente, impossibilita o diálogo e confronto de ideias, seguindo um princípio educativo contrário à emancipação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As consequências das pautas apresentadas pelo Movimento Escola Sem Partido já estão sendo percebidas nos espaços escolares, e para além dos “muros da escola”. A criação de mais um canal de denúncia contra professores é apenas um exemplo, entre outros muitos, que nos mostram como os ideais do Movimento ESP estão atuando na sua prática.

Dizer que o problema da educação brasileira está na suposta doutrinação política partidária dentro das escolas e nos professores acusados de atuar contra a família, é fechar os olhos para a realidade das escolas. Em nenhum momento os defensores e apoiadores do Movimento ESP, sendo eles figuras políticas ou não, demonstraram preocupação com a falta de verba nas escolas, falta de material, falta de merenda, de materiais escolares, com a falta de segurança que permeia dentro e fora dos limites das escolas e nem sequer foi citado investir nos cursos de formação dos professores e na valorização desse profissional.

Entretanto, nesta pesquisa, nos limitamos a uma reflexão e discussão sobre as contradições que seus pressupostos carregam. A partir dos conceitos apresentados pela Teoria Crítica entendemos que a ideia de neutralidade que é apresentada pelo Movimento como uma solução ao processo educativo, além de censurar a escola, ofusca a compreensão da realidade e consentem com práticas de intolerância, exclusão, preconceito e violência praticados dentro e fora da escola.

O Movimento ESP além de simplificar os processos formativos, reduzindo-os a imposição de conhecimentos a serem decorado pelos alunos, representa o que Adorno define com o conceito de Semiformação, vai ao encontro com uma formação regressiva e caminha cada vez mais próximo à barbárie.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund. Teoria da Semiformação. Trad. Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci, Cláudia B. M. de Abreu. In: PUCCI; ZUIN; LASTÓIA (Orgs.). **TEORIA CRÍTICA E INCONFORMISMO: novas perspectivas de pesquisa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 8-40.

ALGUSTO, Leonardo. **Ministra diz que governo vai criar canal para denunciar professor que atende 'conta a moral'**. Estadão, Belo Horizonte, nov. 2019. Disponível em <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,ministra-diz-que-governo-vai-criar-canal-para-denunciar-professor-que-atente-contra-a-moral,70003095662>>. Acessado em: Novembro de 2019.

BARBOSA, Renata Peres. Escola sem Partido, balbúrdia ou semiformação generalizada. In: BELMIRO, L.; DA SILVA, M. R., (Orgs.). **DEMOCRACIA EM RUINAS: direitos em risco.** Curitiba: CRV, 2019. p. 171-181.

BRANDALISE, Camila. **MINISTRA DAMARES ALVES: "O pastor ia ao meu quarto à noite pra me estuprar"**. Uol, Dez. 2018. Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/12/18/entrevista-damares-alves-abusos-sexuais.amp.htm>>. Acessado em: Novembro de 2019.

BEDINELLI, Talita. **O professor da minha filha comparou Che Guevara a São Francisco de Assis.** El País Brasil, Política. São Paulo, 25 jun. 2016. Disponível em:<[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550\\_367696.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550_367696.html)>. Acessado em: Maio 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acessado em: Novembro de 2019.

CARRANO, Pedro. **Direção do colégio estadual Hugo Simas é perseguida em Londrina- PR.** Brasil de fato, Londrina, nov. 2019. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2019/11/06/direcao-de-escola-hugo-simas-e-perseguida-em-londrina/>>. Acessado em: Novembro de 2019.

CAMPOS, Tomaz. **14 perguntas e respostas sobre o movimento Escola Sem Partido.** SINPRO, Distrito Federal, Junho de 2016. Disponível em:<<https://www.sinprodf.org.br/14-perguntas-e-respostas-sobre-o-escola-sem-partido/>>. Acessado em: Julho de 2019.

CRIANÇAS denunciam estupro após assistirem palestra sobre abuso sexual e suspeito é preso em MT. **G1**, Mato Grosso, Maio de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/criancas-denunciam-estupro-apos-assistirem-palestra-sobre-abuso-sexual-e-suspeito-e-preso-em-mt.ghtml>>. Acessado em Novembro de 2019.

DEPUTADA que pediu para filmar “professores doutrinadores” é denunciada por ex-aluno. **Revista Fórum**, Política, Out. 2018. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/deputada-que-pediu-para-filmar-professores-doutrinadores-e-denunciada-por-ex-aluno/>>. Acessado em: Outubro de 2019.

ESTUDANTES denunciam goteiras, calor e falta de merenda em escola em Porto Velho. **G1**, Rondônia, Março de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2019/03/11/estudantes-denunciam-goteiras-calor-e-falta-de-merenda-em-escola-de-porto-velho.ghtml>>. Acessado em: Novembro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 1. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

GUIMARÃES, Cátia. **A escola faz doutrinação?**. EPSVJV/Fiocruz, Abril de 2016. Disponível em <<http://www.epsiv.fiocruz.br/noticias/reportagem/a-escola-faz-doutrinacao>>. Acessado em: Novembro de 2019.

MAAR, Wolfgang Leo. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 1. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 11-28.

MATOS, Olgária C. F. **A ESCOLA DE FRANKFURT: luzes e sombras do iluminismo**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 1993. p. 73-77.

NAGIB, Miguel. **ESCOLA SEM PARTIDO- educação sem doutrinação, 2004?**. Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/>>. Acessado em: Abril de 2019.

PAI forçou filho de 11 anos a fazer sexo com madrasta para ‘não virar gay’. **Claudia, Grupo Abril**, Dez. 2018. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/pai-forca-filho-sexo-madrasta-para-nao-virar-gay/>>. Acessado em: Novembro de 2019.

ZUIN, A.; PUCCI, B.; LASTÓRIA, L. N. Primeira lição-Vida e obra. In: **10 Lições sobre Adorno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 11-20.

ZUIN, A; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. Uma vida em tempos difíceis. In: **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. 5. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 17-44.